

## Editorial Rebeh V.7 (2024)

### **Ciência como meio e espaço de luta: sete anos da Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**

Alexandre Bortolini<sup>1</sup>  
Bruna Andrade Irineu<sup>2</sup>  
Cello Pfeil<sup>3</sup>

A produção científica muitas vezes não é percebida como um espaço de luta, mas tem sido absolutamente imprescindível para a construção de políticas públicas e para o avanço dos direitos de mulheres e pessoas LGBTQIA+. Em especial, no caso brasileiro, a produção científica no campo dos estudos de gênero e sexualidade se deu de forma inescapavelmente articulada aos movimentos sociais e à construção da nossa própria democracia.

Desde os anos 1980, com a consolidação dos estudos feministas, e a partir dos anos 2000, com a expansão dos estudos sobre diversidade sexual e de gênero e de

---

<sup>1</sup> Presidente da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH). Editor chefe da REBEH. Doutor em Educação pela USP. Mestre em Educação pela PUC-Rio. Pedagogo e Comunicador Social. Pesquisador do Programa de Pós-Doutorado para Pesquisadoras/es Negras e Negros da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Secretária Executiva da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH). Editora fundadora da REBEH. Doutora em Serviço Social pela UFRJ. Mestre em Sociologia pela UFG. Assistente Social graduada pela UFMT. Fellowship Visiting Scholar Fulbright at CUNY, U.S. Pesquisadora Produtividade do CNPq - Brasil. Professora do Departamento de Serviço Social, PPG de Política Social e PPG de Saúde Coletiva da UFMT. Coordenadora e Líder do NUEPOM - UFMT.

<sup>3</sup> Conselheiro da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH). Editor chefe da REBEH. Professor Substituto do Depto. de Ciência Política da UFRJ. Doutorando e Mestre em Filosofia (PPGF/UFRJ). Especialista em Teoria Psicanalítica (CEPCOP/USU). Coordenador da Revista Estudos Transviados. Coordenador do Núcleo de Pesquisas do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT).

movimentos transfeministas, o campo acadêmico tem sido um dos mais importantes lócus onde as relações de gênero e as regulações da sexualidade são disputadas e transformadas. Nas últimas décadas, as universidades constituíram em si mesmas um espaço de intensa ação política, através de coletivos estudantis, associações de pesquisa ou mesmo da gestão universitária, de onde partiram políticas de reconhecimento, democratização e produção de conhecimento que são, hoje, fundamentais para a promoção dos direitos de grupos historicamente subalternizados. Não por acaso, os movimentos reacionários que vêm atacando a democracia brasileira nos últimos anos têm direcionado boa parte do seu investimento contra a universidade e os conhecimentos que, junto aos movimentos sociais, ela produz. No início do século XXI, a ciência, como em outros momentos históricos, segue sendo campo de luta, onde a realidade é desnudada, a democracia é construída e a transformação social é produzida.

Fundada em 13 de julho de 2001, a Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (Abeth) é uma associação científica de âmbito nacional, sem fins econômicos ou financeiros, que reúne hoje mais de 450 pesquisadores LGBTQIA+ e aliadas, atuantes em instituições públicas, privadas e independentes, que investigam as múltiplas dinâmicas envolvidas na produção social do gênero e da sexualidade, a partir de uma perspectiva interseccional, e com especial atenção aos conhecimentos produzidos por e com os sujeitos que habitam o espaço (ao mesmo tempo desafiador e potente) das dissidências sexuais e de gênero. A atual gestão da Abeth, sediada em Brasília, é composta por pessoas vinculadas às mais diferentes instituições de pesquisa, ensino e extensão, com representação de todas as regiões brasileiras. Em um combate à reprodução das dinâmicas de marginalização e segregação da população LGBTQIA+ no meio acadêmico, reforçamos a importância de nos colocarmos como sujeitos, e não objetos, de pesquisa.

Longe de ser uma instituição cerrada nos muros do academicismo, a Abeth é um espaço vivo de interlocução entre a produção científica, os movimentos sociais e instituições governamentais, atuando diretamente na construção de políticas públicas

para pessoas LGBTQIA+. Nos últimos 20 anos, a Abeth realizou diversos eventos locais e mais de 10 encontros internacionais envolvendo instituições de pesquisa, organizações sociais e poder público. Desde sua fundação, a associação integra conselhos de direitos, como o Conselho Nacional LGBTQIA+, do qual foi membro em diferentes momentos, atuando também em conferências regionais e nacionais, como as várias edições das Conferências Nacionais de Saúde, Educação e Cultura, além das próprias conferências voltadas à população LGBTQIA+. No último ano, a associação deu contribuição importante para a recente retomada dos mecanismos de participação social, (re)construindo, em conjunto com outras organizações, diferentes espaços de interlocução para produção de políticas públicas. Desde sempre, e agora mais necessário do que nunca, a Abeth manteve um inegociável compromisso com a democracia, com os direitos fundamentais e com a liberdade de produzir uma reflexão crítica e transformadora do mundo.

Como reflexo e agente do seu tempo, a Abeth viveu os movimentos que marcaram o nosso campo nos últimos vinte anos: a institucionalização dos estudos gays e lésbicos, o impacto da teoria *queer*, a emergência do transfeminismo e a consolidação de uma perspectiva interseccional. Transformações que se refletem na composição do nosso corpo de associadas, nos debates que atravessaram nossos congressos e na própria composição dos nossos conselhos e diretorias. Nascida em um momento em que havia ainda pouco espaço para estudos produzidos a partir das dissidências sexuais e de gênero, a Abeth hoje compartilha um campo rico e diverso de produção científica, onde convive com agentes das mais diferentes naturezas: universidades, institutos de pesquisa independentes, organizações não governamentais, coletivos autônomos e redes colaborativas. Sua missão é produzir, junto com esses outros atores, espaços de produção e circulação de conhecimento, lugares de encontro, onde pessoas que pesquisam sobre gênero e diversidade sexual possam dialogar, trocar, aprender e, a partir daí, construir uma realidade onde a pluralidade de existências seja possível, onde o corpo seja um lugar de liberdade e a vida seja boa para todas as pessoas.

Desde 2018, a Abeth edita a *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, hoje um dos mais relevantes periódicos do campo dos estudos de gênero e sexualidade. Espelhando uma compreensão larga do que significa produção e circulação de conhecimento, a REBEH publica trabalhos nos mais diferentes formatos: artigos que expõem resultados de pesquisas, ensaios, relatos de experiência, resenhas, revisões bibliográficas, e até produções artísticas em texto ou audiovisual.

A REBEH, nasce no ano de 2018 e segue ainda registrada enquanto Revista de Estudos da Homocultura, devido a demandas de registro que impactariam em relação à sua avaliação, constitui exemplo importante dessas novas publicações, estando, conforme o atual Estatuto da Associação, denominada Revista da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura – REBEH. (Soliva et. al., 2021, p. 98).

Desse modo, a revista realiza uma crítica ao academicismo ao valorizar não somente a diversidade de conteúdos e pesquisas recebidos, como também a pluralidade dos formatos. Como periódico científico interdisciplinar, aceitamos contribuições de todas as áreas de conhecimento, produzidas por pessoas de diferentes níveis de formação, segundo a política de cada seção, desde que relacionadas ao escopo da revista. Embora tenha como espaço prioritário de atuação o campo científico brasileiro, a REBEH visa estabelecer pontes de diálogo com a produção internacional, publicando trabalhos originais em português, francês, inglês e espanhol, além de traduções de textos de relevância já publicados.

O objetivo da REBEH foi e segue sendo criar um espaço de interlocução que traga maior visibilidade para produções científicas das mais diferentes áreas que se fundamentam ou lançam foco nas perspectivas construídas a partir das dissidências sexuais e de gênero. Mais do que uma “revista LGBTIA+”, a REBEH reúne pesquisas, relatos e outros tantos trabalhos que partem de múltiplos lugares de dissidência - com todas as particularidades e potências que estes lugares trazem - para pensar criticamente sobre a vida, sobre nossa sociedade e nossas formas de estar no mundo. (BORTOLINI et al, 2023, p.2)

Como tantos outros periódicos, a REBEH é fruto do trabalho coletivo - e não remunerado - de um conjunto amplo de pessoas. Desde aquelas que submetem seus

trabalhos às que voluntariamente se dispõem a fazer as avaliações, até as poucas que compõem sua editoria, cuja dedicação permanente é pilar fundamental para a existência dessa revista. Essa coletividade envolve além da editoria chefe e associada, pareceristas, coordenações de dossiê e autoras/autores que submetem seus trabalhos a revista. Fruto desse trabalho, que já atravessa várias gestões da Abeth, em 2022, a REBEH recebeu sua primeira classificação Qualis, alcançando nota A2 no quadriênio 2017-2020. Desde então, o recebimento de submissões se intensificou substancialmente, aumentando também os desafios para manter o funcionamento e a qualidade da revista.

Os dossiês temáticos do período correspondente a essa primeira avaliação da CAPES apresentam uma pluralidade temática e expressam a característica interdisciplinar da REBEH.

**Quadro 1 - Dossiês Temáticos Especiais publicados na REBEH até o número 14**

Movimentos sociais e ativismos LGBTI e Feministas
Saúde mental, gêneros e sexualidade: perspectivas interseccionais
Corpos em movimento: políticas, experiências e métodos possíveis
Sujeitos em performance: diversidade, diferença e formas expressivas
(R)existência e invisibilidade lésbica: entre conceitos, panoramas e percursos
Torna-nos criança: auto/etnografias, cuidados e reparações
Teoria Social Crítica e LGBTI+
Políticas de extermínio de grupos sociais: transfobia, homofobia e feminicídio
Reflexões em torno da saúde: cruzando temas, problemas e perspectivas
Interseccionalizando em educação, lutas sociais e direito à diferença
Participação política LGBTI+ no Brasil: passado, presente e projetos de futuro

Fonte: Elaborado a partir de Irineu, 2020.

Irineu (2020) apontou, em um balanço dos vinte anos da associação, alguns momentos fundamentais para REBEH naquele momento e indicou alguns desafios que vêm sendo enfrentados com bastante compromisso pela editoria chefe da revista.

A REBEH tem passado por profundas mudanças estéticas e operacionais, desde a migração do portal da UNILAB para o portal da UFMT, criação de novo layout do template, alteração da versão do Open Journal Systems (OJS) e a recente aquisição de D.O.I. O amadurecimento editorial da revista também dependerá de as futuras gestões manterem aceso o compromisso com a socialização e a difusão do conhecimento coproduzido entre universidade, artistas e movimentos sociais. Tarefa que se torna ainda mais desafiadora em um contexto de corte ao financiamento das políticas de educação e de ciência e tecnologia. (Irineu, 2020, p. 26).

Como resposta a este novo momento, a REBEH passou por algumas reformulações, dentre as quais, vale destacar a criação de uma Editoria Júnior, organizada pensando na sustentabilidade da revista; e a chamada aberta para dossiês especiais, que oportunizou ainda mais a diversidade temática circulada pela revista

#### **Quadro 2 - Dossiês Temáticos Especiais publicados na REBEH do número 15 ao 21**

Sapatão e preta! Conexões entre identidade política, gênero e corpos racializados
Masculinidades Negras
Covid-19 e população LGBTI+
22 anos da ABETH: memórias e novos temas nos Estudos de Gênero
Gravidez, aborto e parentalidade nas transmasculinidades
Parentalidades LGBTQIA+: desafios e experiências
Gêneros, Sexualidades e Cultura Pop

Fonte: Sistematização própria, 2024.

A partir de 2024, a revista adere à publicação em fluxo contínuo, para dar mais agilidade na divulgação dos trabalhos submetidos. Ao mesmo tempo, reorganiza as suas

seções, buscando visibilizar de maneira mais coerente, eficiente e compreensível as suas produções. A principal mudança nesse sentido é o destrinchamento da antiga seção de artigos de tema livre, agora dividida em apresentação de pesquisas, ensaios e revisões bibliográficas. A estas se juntam às já correntes seções de entrevistas, traduções, relatos de experiências, biografias, resenhas e tessituras artísticas.

Para além da transformação no fluxo contínuo de publicação, tem-se pensado que a longo prazo,

Um dos desafios da REBEH para o próximo quadriênio é tornar-se mais alinhada com as recomendações da UNESCO. Em nosso quadro atual, ainda trabalhamos com parecer “duplo-cego” e não aderimos a publicação em Preprint, por exemplo. Como um periódico vinculado a uma associação com poucos recursos financeiros e hospedada no Open Journal System de uma instituição periférica e com uma política de editoria não consolidada, estamos buscando qualificar cada vez mais a revista, mas ao mesmo tempo enfrentando os desafios materiais que vão desde a garantia de DOI a os recursos para revisão, tradução e diagramação. (Irineu et. al., 2023, p. 04).

Para o ano de 2024, estão programados os lançamentos de alguns dossiês temáticos. Inaugurando o ano, o dossiê *Conservadorismos e as questões de gêneros e sexualidades* traz trabalhos dedicados a discutir o tenso momento político em que nos encontramos. Ainda no primeiro semestre, a REBEH publica também um conjunto de textos que encarnam *A pornografia como campo de indagação queer/cuir e transfeminista*, segundo dossiê programado para este ano. E estão em processo de construção mais dois dossiês. O primeiro propõe uma revisão dos avanços e retrocessos vivenciados nestes *20 anos do Programa Brasil Sem Homofobia* e deve ser publicado no segundo semestre. Outro, cujo lançamento deve se dar entre o fim deste ano e o início do próximo, mira um debate sobre *Corpas Gordas*, e pretende se constituir como um espaço de mobilização e visibilização de um campo ainda em construção no Brasil. Há ainda a perspectiva de organizar um dossiê com um debate específico a cerca dos impactos políticos e epistemológicos do conceito de *Cisgeneridade*.

Como se vê, mais do que mera ferramenta de publicação e pontuação curricular, a revista da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura constitui uma estratégia de proliferação do conhecimento cientificamente fundamentado sobre gênero e sexualidade na sociedade brasileira, como forma de romper o ambiente de censura e desinformação que se instalou no país nos últimos anos a respeito destes temas.

A coprodução de conhecimento sobre gênero, raça, etnia e sexualidade pelos campos do ativismo e da academia tem sido fundamental para a disputa de sentidos e imaginário social em torno da diversidade e das diferenças no Brasil. Elaborar dados, produzir indicadores, estabelecer diretrizes políticas, monitorar pactuações e garantir fomento para ações efetivas são caminhos comuns trilhados por esses campos no percurso das políticas públicas. (PASSOS et al., p.1, 2023)

Através da defesa da liberdade de produção e circulação de conhecimento, da ciência como fundamento para as políticas públicas, da laicidade do Estado e da autodeterminação dos corpos e das identidades, a Abeth dá sua contribuição não só para a promoção dos direitos de pessoas LGBTQIA+, mas para a construção e consolidação de uma sociedade livre e igualitária.

### Referências

BORTOLINI, Alexandre; PFEIL, Bruno Latini; PFEIL, Cello Latini; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto, HENTZY, Thárcilo Luiz da Silva. Fazendo ciência a partir da dissidência: as potencialidades da produção científica de sujeitos que confrontam a cis-heteronorma. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], vol. 06, N. 19, p.1-6, 2023.

IRINEU, B. A. 20 anos da ABEH: co-produções ativistas, acadêmicas e artísticas. In: IRINEU, Bruna A. et. al. **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero**: temas emergentes. Editora Devires. Salvador, Bahia. 1ª edição, 2020. 283p.

IRINEU, B. A.; NASCIMENTO DOS SANTOS, L. G.; LATINI PFEIL, C. .; BORTOLINI, A. Ciência Aberta, Colaboração, Compartilhamento, Transparência e Inclusão. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 6, n. 21, p. 1-7, 2024.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos; LACERDA, Milena Carlos; IRINEU, Bruna Andrade; BORTOLINI, Alexandre. “Um novo tempo, apesar dos perigos”: enfrentar o facismo para reconstruir a democracia. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], vol. 05, N. 18, p.1-11, 2023.

SOLIVA, T. B. .; JESUS, J. G. de .; IRINEU, B. A. Memórias, Transições e Fluxos nos Estudos de Diversidade Sexual e de Gênero: 22 anos da ABETH. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 5, n. 18, p. 31–40, 2023.